

35º encontro anual
da anpocs

associação nacional de pós-graduação
e pesquisa em ciências sociais

24 a 28 de outubro 2011
Caxambu | MG | Brasil

O Voto em Dilma nas Eleições Presidenciais de 2010: Determinantes políticos, econômicos e sociais

* VERSÃO PRELIMINAR: NÃO CITAR SEM EXPRESSÃO
AUTORIZAÇÃO DOS AUTORES.

GT 02 – Comportamento Político

Lucio Rennó – UNB

Vitor Peixoto - UENF

Sumário

Resumo.....	2
1 – Introdução:	3
2 – Eleições de 2010: o que mudou e o que permanece, mais do mesmo?.....	4
3 - Questões de Pesquisa	5
4 – Avaliação de Governo e Programas de transferências.....	11
5 –Avaliação de Governo e Voto em 2010	12
6 – Voto e Região.....	12
7 – Escolaridade e Voto 2010	13
8 – Renda	14
9 – Percepção de Corrupção como Principal Problema.....	15
10 – Sexo.....	15
11 – Transferência de Voto de 2006 para 2010	16
12 – Programas do Governo Federal e Voto.....	17
13 – Mobilidade e voto em 2010	18
14 – Modelo para Voto Lula em 2006 (1º Turno)	22
15 – Modelos Dilma 1 Turno	24
16 – Modelos Logísticos Dilma 2010 1º Turno.....	24
18 – Multinomial 1 Turno (Dilma referência)	25
19 – Considerações finais	27
Bibliografia	27

Resumo

Este trabalho analisa os determinantes do voto em Dilma no primeiro e segundo turno das eleições presidenciais de 2010, usando diversos indicadores políticos, econômicos e sociais. Serão testados argumentos plausíveis para investigar não só a escolha eleitoral em cada turno da eleição, mas também a variação do voto entre primeiro e segundo turnos, quando a candidata Dilma arrebanhou uma porcentagem bem maior do eleitorado do que fez no primeiro turno. Quais são os fatores que explicam essa variação na intenção de votos entre primeiro e segundo turno? Serão exploradas as variáveis tradicionalmente indicadas como determinantes do voto, como visões sobre o estado da economia, identificação partidária, avaliação do governo, como também fatores que tem sido explorados de forma menos sistemática, como percepções sobre corrupção e religião. O trabalho utiliza dados do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2010.

1 - Introdução:

Toda Ciência que pretende ser séria desenvolve instrumentos analíticos que, em maior ou em menor grau, buscam identificar padrões em algum fenômeno com vistas a explicá-lo e/ou antecipar novas ocorrências. Em outras palavras, Ciência é a busca pela causalidade, que por sua vez, em última instância, pretende predizer algum fenômeno. A Ciência Política não se furtou deste objetivo. Com grandes e ácidas discussões acerca de teorias que tentam explicar os fundamentos do comportamento humano, a Ciência Política vem construindo uma série de instrumentos que visa antecipar como os indivíduos portam-se diante de determinados fenômenos sociais. As eleições, sem sombra de dúvidas, figuram como fenômenos sociais privilegiados dos analistas políticos.

No Brasil, as eleições presidenciais tem sido objeto de análises sistemáticas desde que Collor de Melo foi eleito por sufrágio direto em 1989. Após a eleição de Lula Silva, em 2002, e sua reeleição, em 2006, multiplicaram-se os trabalhos acadêmicos que visam explicar o comportamento dos eleitores. Muitos avanços foram conquistados na ciência política brasileira nestes últimos anos, com especial atenção tanto para o uso corriqueiro de *surveys* quanto o uso de métodos estatísticos multivariados.

Não obstante os avanços recentes da literatura política, muitas questões que envolvem o comportamento dos eleitores permanecem abertas. Os efeitos dos programas de transferência de renda, mobilidade intra-geracional e a recente queda da desigualdade no Brasil são exemplos de perguntas de pesquisas que necessitam de maior atenção. Por meio de *surveys* que incluíram no questionário perguntas específicas para essas questões podem-se encontrar dados empíricos que auxiliarão nos testes de hipóteses e avaliação das teorias do comportamento eleitoral no Brasil. Este é o caso das pesquisas de opinião realizadas pelo Centro de Estudos da Opinião Pública (CESOP), em 2006 e 2010, e que este projeto utilizará como principal fonte de dados juntamente com os resultados eleitorais divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Este paper tem por objetivo principal produzir análises sistemáticas com vistas a comparar, compreender e explicar o comportamento do eleitor brasileiro nas últimas eleições presidenciais e 2010. Especificamente, busca-se apreender os impactos no voto dos eleitores nas duas eleições por meio dos resultados eleitorais divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) assim como pela pesquisas de opinião realizadas pelo Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP) em 2010. Dados que permitirão estimar efeitos de variáveis tais como: programas de transferência de renda (em especial, o Bolsa Família), identificação partidária, avaliação do governo, sexo, escolaridade, gênero, região, renda, percepção de mobilidade social, etc.

2 – Eleições de 2010: o que mudou e o que permanece, mais do mesmo?

Em 31 de Outubro de 2010, com aproximadamente 55,8 milhões de votos (56%) Dilma Rousseff (PT) foi eleita a primeira mulher presidente do Brasil. Apoiada por um governante que, após 8 anos no cargo, gozava de 93,9% de aprovação¹, o seu principal adversário (José Serra do PSDB) ainda conseguiu levar a decisão para o segundo turno, auxiliado pela votação surpreendente da candidata verde, Marina Silva (PV). Estas eleições foram marcadas por ineditismos. O mais importante deles, e sem dúvida o mais comentado pelos analistas, foi a ausência de Lula como candidato desde as eleições de 1989. A estratégia do Presidente de lançar uma candidata que nunca havia disputado uma eleição, e que nas pesquisas de opinião a pouco mais de um ano das eleições contava com apoio pífio de 11% das intenções de votos², causou surpresa até mesmo entre os membros do governo. Perguntava-se até que ponto a popularidade de Lula poderia ser transferida para uma candidata até então desconhecida pelo grande público.

Muitas questões sobre as eleições presidenciais de 2002 e 2006 ainda estavam sendo debatidas pela academia, a saber, até que ponto os programas de transferências de renda haviam influenciado o comportamento dos eleitores, se

¹ Pelos dados do Eseb, 32,7% consideravam muito bom e 61,1% como bom o governo Lula. Apenas 1,3% avaliaram como péssimo.

² Pesquisa do IBOPE realizada entre os dias 11 e 14 de Setembro de 2009.

havia realmente algum realinhamento ideológico do eleitorado, como as percepções de corrupção haviam afetado as intenções de voto etc. Com as eleições de 2010 novos dados foram produzidos e representam uma importante oportunidade de voltar a estas questões. E mais: dados que permanecem carentes de análises. Os resultados eleitorais (votos apurados nas urnas) e as pesquisas de opinião (realizadas antes, durante e após o período eleitoral) constituem ricos materiais inexplorados. Proposições lançadas e hipóteses testadas com os dados das eleições de 2002 e 2006 merecem ser novamente replicadas e analisadas com os dados de 2010. Um exemplo disso é os dados produzidos pelo Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP), que realizou um *survey* nacional logo após as eleições de 2010. Esta pesquisa possui enorme potencial analítico, posto que o questionários contam com perguntas acerca de uma série de dimensões tais como: voto para diversos cargos em 2010, voto para presidente em 2006, percepção de mobilidade social, percepção de corrupção como problema, beneficiários de programas de transferência de renda (Bolsa Família, Pro-Uni, Minha Casa Minha Vida, Luz para Todos), etc. Novos conhecimentos acerca do comportamento eleitoral podem (e devem) ser produzidos com análises sistemáticas multivariadas tanto dos resultados eleitorais quanto das pesquisas de opinião pública. Esta é a tarefa que este paper pretende cumprir.

3 - Questões de Pesquisa

Desde a primeira metade do século XX empresas de pesquisas e acadêmicos, principalmente nos Estados Unidos, vem construindo e aprimorando instrumentos de sondagens de opinião pública com o objetivo de prever os resultados eleitorais. As técnicas de amostragens e desenhos de questionários foram duas áreas onde se observa grandes avanços. No Brasil, não obstante os empreendimentos hercúleos de pesquisadores individuais³ na década de 60, estes avanços chegaram apenas com as eleições diretas presidenciais. Foi neste período que as campanhas se profissionalizaram e começaram a contratar empresas e especialistas em análises de opinião pública. Concomitantemente a este processo,

³ Enfrentando grandes resistências, tanto da academia quanto da imprensa, Gláucio Ary Dillon Soares foi o primeiro pesquisador a se lançar na empreitada de realizar *surveys* eleitorais no Brasil ainda na década de 60.

a academia brasileira também importou modelos analíticos e desenvolveu questões teóricas importantes sobre o comportamento dos eleitores por meio da aplicação de *surveys*.

Importantes avanços também têm sido alcançados nos últimos anos com análises das distribuições espaciais dos resultados eleitorais. Nicolau e Peixoto (2007a, 2007b), ao analisarem as votações de Lula em 2002 e 2006 nos municípios, constataram fortes mudanças das bases geográficas do voto e atribuíram esta mudança ao efeito do programa Bolsa Família:

“Quanto maior o gasto municipal per capita despendido durante o governo, maior tende ser a votação de Lula e menor a de Alckmin. O dado é ainda mais impressionante, justamente por se referir a um único programa do Governo Federal.”
(Nicolau e Peixoto, 2007, pp: 13)

Também no intuito de captar o efeito do Bolsa Família sobre a votação de Lula em 2006, ZUCCO (2006 e 2007) empreendeu esforços similares, porém com maior sofisticação econométrica implementada com modelos para inferência ecológica, e chegou a resultados bastante próximos. Hunter e Power (2007) combinaram distribuição espacial nos Estados com análises de *surveys* e, além de corroborarem os achados de Nicolau e Peixoto (2007a, 2007b), encontraram forte correlação entre voto em Lula em 2006 com maior aceitação de níveis de corrupção.

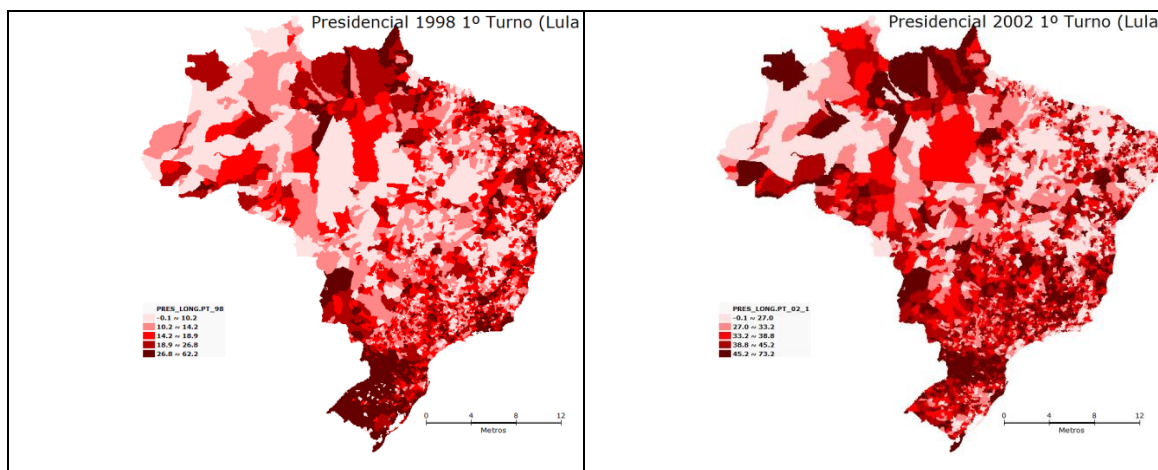
Trabalho que advoga o não impacto do Bolsa Família foi realizado por CARRARO, et. alli (2008). Não obstante a crítica econométrica a Nicolau e Peixoto acerca da autocorrelação da distribuição espacial, CARRARO et. alli (2008) utilizam operacionalizações da variável Bolsa Família diferentes das utilizadas por outros autores, assim como também não utilizaram a mesma variável dependente (% de votos sobre o comparecimento, utilizaram % de votos válidos). Além disso, os autores testaram três modelos com correções espaciais, cada qual com uma operacionalização do programa Bolsa Família (número de famílias atendidas pelo Bolsa Família em Julho de 2006 em relação à 1º- população total, 2º- pobres, e 3º- indigentes) apenas o 3º modelo a variável pode ser desconsiderada pela significância

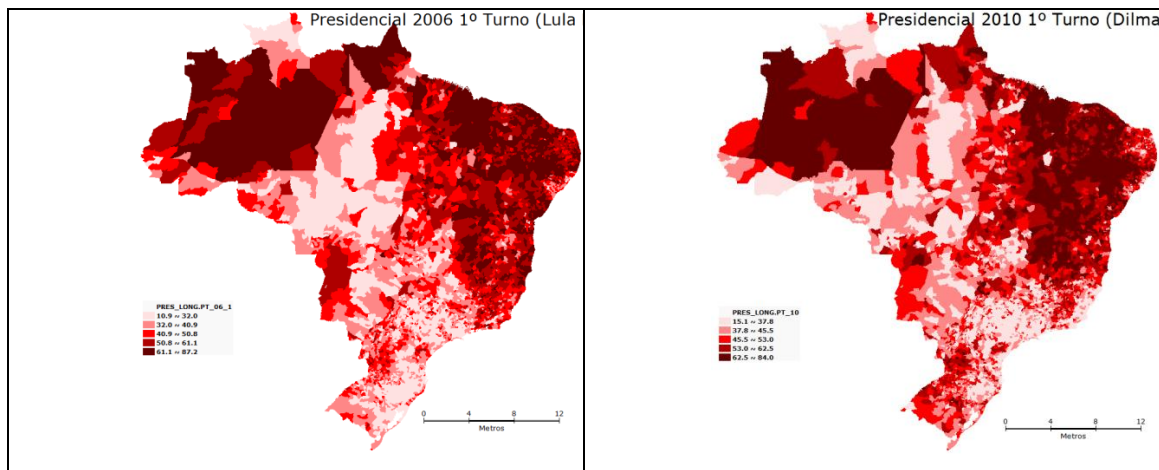
estatística. Este foi o único trabalho acadêmico que apontou o não impacto do programa de transferência de renda sobre a votação em Lula.

Com modelos econométricos de geografia espacial Terron e Soares (2010) analisaram quatro eleições presidenciais – 1994, 1998, 2002 e 2006 – e chegaram as mesmas conclusões de Nicolau e Peixoto: o programa bolsa família contribui positivamente e com significância estatística para a eleição de Lula:

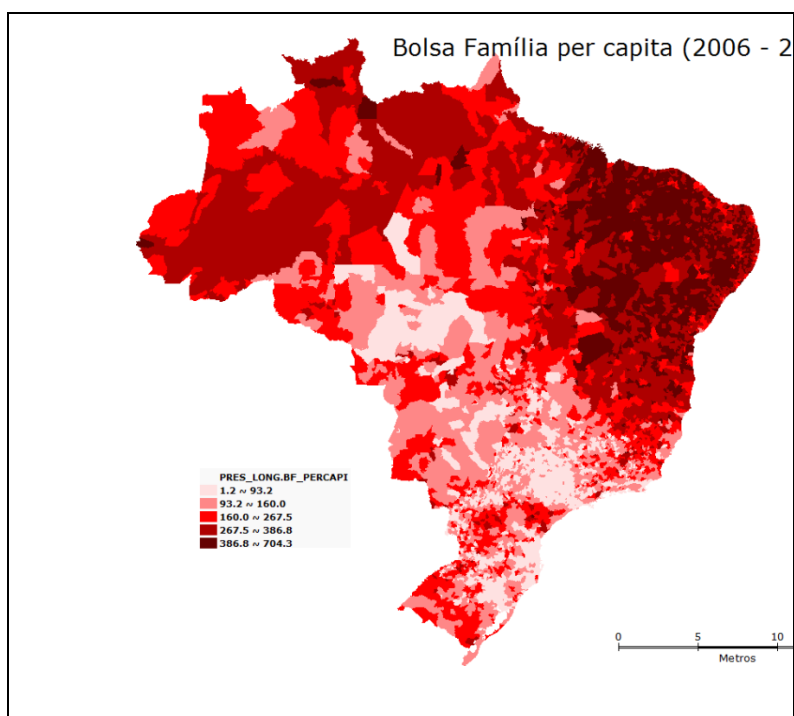
Dito de outra forma, mantendo-se constantes os demais efeitos, cada ponto percentual de acréscimo na votação dos deputados implica em 0,15 pontos percentuais de acréscimo na votação de Lula em 2006, independente do efeito do Bolsa família sobre a renda municipal. (Terron e Soares, 2010, p: 30).

Com o auxílio dos mapas coropléticos apresentados abaixo pode-se perceber a intensa modificação que a distribuição espacial da votação do PT sofreu de 1998 até 2010. Até 2002 as altas concentrações do percentual de votos se encontravam nas regiões sul e sudeste. Já em 2006, após o primeiro ano de Governo de Lula, há uma completa inversão da distribuição, o nordeste e norte passam a figurar como as regiões de melhores desempenhos do candidato petista.





O fato do programa de maior impacto do Governo Lula ter concentrado seus recursos nestas regiões (norte e nordeste) também chama a atenção. O mapa abaixo demonstra os valores per capita entre 2006 e 2008.



Nicolau e Peixoto (2007b) construíram da seguinte cadeia de causalidade:

“1 – Em 2002, Lula tem votação bem distribuída pelo país, mas proporcionalmente melhor nas áreas mais desenvolvidas.

“2 – Ao longo do mandato, o Governo implementa uma série de programas dirigidos às cidades com menor desenvolvimento social. Entre esses programas, destaca-se o Bolsa Família que investiu mais de 17 bilhões em quatro anos, mais da metade deles no Nordeste.

“3 – Em 2006, as áreas que mais se beneficiaram das políticas implementadas pelo Governo Federal (particularmente municípios de baixa renda, majoritariamente concentrados nas Regiões Norte e Nordeste) votam no candidato que implementou essas políticas.” (Nicolau e Peixoto, 2007 b, p: 14)

Sabe-se, porém, que não é fácil dimensionar o impacto de políticas públicas sobre o voto, sobretudo, quando se trata de dados agregados, onde se corre o risco de cometer falácias ecológicas. Entretanto, resultados de pesquisas de opinião podem servir para testes de hipóteses e suprir este déficit dos dados agregados. Em 2006, análise com dados ao nível individual (*surveys*) foi realizada por Licio, Rennó e Castro (2009), onde utilizaram a amostra nacional do Barômetro das Américas de 2008. As conclusões podem ser resumidas pela seguinte citação:

“A análise dos dados permitiu identificar uma nítida diferença de opiniões e atitudes em relação ao Presidente da República e ao governo federal em ambos os grupos analisados. Os testes estatísticos realizados também permitiram reconhecer que os comportamentos de beneficiários e não beneficiários do Programa Bolsa Família são diferentes, pelo menos no que concerne às variáveis selecionadas.

Em suma, os achados deste trabalho contribuem para fortalecer a hipótese de que os beneficiários do Programa tendem a votar mais em Lula, além de avaliar o governo federal e o trabalho do Presidente de uma forma mais positiva do que os não beneficiários.

Apurar em que medida o Programa Bolsa Família contribuiu para a manutenção do Presidente Lula no poder não é apenas uma questão de identificar dividendos eleitorais de um programa federal. Passa pela análise da cultura política de uma nação tradicionalmente desigual que há muito tempo vinha oferecendo poucas possibilidades de mobilidade social. O Programa Bolsa Família representou uma nítida inflexão nesta tendência e, em que pese o fato de que ele só foi possível por conta da estabilidade econômica, de reformas estruturais anteriores e da conjuntura internacional favorável, tudo indica que os beneficiários do Programa Bolsa Família o vinculam diretamente à figura do Presidente Lula.” (Licio, Rennó e Castro, 2009, p:48)

Ainda que muitos debates foram travados na academia acerca dos determinantes dos comportamentos dos eleitores nas eleições presidenciais, com a

vitória em 2010 de uma candidata que nunca havia disputado uma eleição⁴ traz novas questões para a discussão. Como se pode observar na tabela abaixo, Dilma (2010) teve uma correlação alta com a votação obtida por Lula (2006), quem nem mesmo o próprio Lula conseguiu consigo mesmo, ou seja, as modificações das votações de Lula ao longo do tempo nunca foi repetida com tanta similaridade quanto foi alcançada por Dilma. Pode-se afirmar, por meio da comparação das bases geográficas, que Dilma foi mais Lula do que Lula. Entretanto, como já afirmado anteriormente, estes dados referem-se aos dados agregados por municípios e corre-se o risco de cometer falácias ecológicas. Portanto, faz-se mister investigar estas proposições no nível individual, ou seja, com dados de pesquisas de opinião.

Correlações		Presidencial 2010					
		DILMA	SERRA	MARINA	ABSTENÇÃO	BRANCOS	NULOS
Socioeconômicas	BOLSA FAMILIA per capita	0,69	-0,69	-0,38	0,43	-0,22	0,81
	Crescimento do PIB (2003 a 2007)	0,07	-0,12	0,07	0,04	-0,03	0,10
	PIB per capita 2007	-0,32	0,28	0,26	-0,24	0,11	-0,38
	Taxa de urbanização, 2000	-0,46	0,26	0,61	-0,15	0,18	-0,35
	Índice de Gini, 2000	0,27	-0,26	-0,12	0,39	-0,32	0,29
	Taxa de analfabetismo	0,62	-0,62	-0,41	0,48	-0,19	0,85
PT	2006 PT LULA	0,81	-0,87	-0,12	0,33	-0,26	0,63
	2002 PT LULA	-0,14	0,12	0,24	-0,34	0,05	-0,45
	1998 PT LULA	-0,03	0,03	0,14	-0,36	0,15	-0,37
	1994 PT LULA	0,09	-0,10	0,10	-0,22	0,05	-0,19
	1989 PT LULA	0,26	-0,39	0,15	0,09	0,00	0,24
PSDB	2006 PSDB Alckmin	-0,78	0,90	0,07	-0,33	0,17	-0,69
	2002 PSDB Serra	-0,25	0,39	-0,27	-0,02	0,07	-0,11
	1998 PSDB FHC	-0,31	0,37	-0,01	0,14	-0,18	-0,13
	1994 PSDB FHC	-0,13	0,07	0,13	0,21	-0,16	0,14
	1989 PSDB Covas	-0,22	0,10	0,32	-0,10	0,18	-0,17

Fonte: Dados calculados pelo autor com base nos dados primários divulgados pelo TSE (dados eleitorais), Ministério do Desenvolvimento Social (dados do Bolsa Família, valores per capita municipal entre 2006 e 2008), IBGE (PIB municipal) e IPEADATA (Taxa de analfabetismo, índice de Gini e Taxa de urbanização).

** Correlações calculadas pelo r de Pearson, com os 5562 municípios como unidade de análise.

*** Dados eleitorais foram calculados pelo percentual do comparecimento.

⁴ Segundo dados do IBOPE, em novembro de 2008, Dilma Roussef não passava dos 8% de intenção de votos, e cerca de um ano para as eleições ainda contava com o apoio de 14% (15 de setembro de 2009). Nas pesquisas deste instituto a candidata atingiu a casa dos 30% somente em Junho de 2010. Não custa lembrar que no primeiro turno Dilma atingiu 46,9% dos votos válidos e eleita com 56% no segundo turno.

Destarte, algumas questões iniciais podem ser levantadas a fim de orientar a investigação empírica por meio do *survey* realizado pelo CESOP:

1 – Quais clivagens sociais estão associadas à votação à votação de Dilma (2010)?

2 – Em que medida os programa Bolsa Família contribuiu para Dilma (2010)?

3 - Em que medida o programa Minha Casa Minha Vida impactou os resultados de Dilma (2010)?

4 – Em que medida o programa Pro-Uni impactou os resultados de Dilma (2010)?

5 – A identificação partidária é uma variável explicativa do voto para presidente em 2010?

6 – A percepção de mobilidade social teve impacto positivo para Dilma (em 2010)?

Abaixo apresentamos algumas tabelas que indicam a relação bi-variada entre as principais variáveis de nosso modelo e a escolha eleitoral.

4 - Avaliação de Governo e Programas de transferências

Primeiro cabe indicar a relação entre programas de transferência de renda e voto, a fim de relacionar dois fatores que podem ser considerados como importantes para explicar o voto. Fica clara a íntima relação entre avaliação do governo e participação em programas de transferência de renda. A quantidade de beneficiários desses programas que considera o governo Lula ruim ou péssimo é bastante inferior para os beneficiários em comparação com os não beneficiários. Com isso, já temos uma pista sobre como o a participação em programas do governo influencia, potencialmente o voto: isso ocorre ao aumentar a popularidade do governo e, portanto, seu capital político nas próximas eleições.

	Bolsa Família		Minha Casa Minha Vida		Luz para Todos		Pro-Uni		Total	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim		
Avaliação Governo Lula (últimos 4 anos)	Muito bom	30.2%	42.3%	31.8%	43.6%	32.2%	31.7%	32.0%	43.8%	32.2%
	Bom	62.8%	56.2%	61.9%	56.4%	61.6%	65.0%	61.8%	56.3%	61.7%
	Ruim	5.5%	1.2%	5.0%		4.9%	3.3%	4.9%		4.8%
	Péssimo	1.4%	.3%	1.3%		1.3%		1.3%		1.3%
Total	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%

5 - Avaliação de Governo e Voto em 2010

O vínculo, contudo, descrito acima, só se concretiza em havendo uma relação entre voto e avaliação do governo. Fica bastante claro que aqueles que votaram em Dilma consideram o governo muito bom a taxas bem mais altas do que os que votaram em candidatos da oposição. Por sua vez, estes tendem a ver o governo como ruim e péssimo com mais frequência. Isso ocorre tanto no primeiro quanto segundo turno da eleição.

		Voto no Primeiro Turno Presidencial				Total
		Dilma	Serra	Marina	Outros	
Avaliação Governo Lula (últimos 4 anos):	Muito bom	47,6%	13,7%	22,2%	19,0%	32,1%
	Bom	51,7%	73,2%	69,1%	67,1%	61,6%
	Ruim	,6%	10,4%	7,1%	11,4%	5,0%
	Péssimo	,2%	2,7%	1,5%	2,5%	1,3%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		EM QUEM VOTOU NO 2º TURNO?				Total
		Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Anulou o voto	Votou em branco	
Avaliação Governo Lula (últimos 4 anos)	Muito bom	45,4%	14,2%	10,6%	27,5%	32,7%
	Bom	53,4%	71,8%	83,0%	70,0%	61,3%
	Ruim	,8%	10,9%	4,3%	2,5%	4,7%
	Péssimo	,3%	3,0%	2,1%		1,3%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

6 - Voto e Região

Abaixo, listamos diversas tabelas que permitem investigar outros possíveis determinantes do voto. Região, abaixo, parece diferenciar, principalmente os padrões de voto entre Nordeste e Sul, com o primeiro apoiando principalmente a Dilma e Serra encontrando seus melhores resultados na região Sul.

Voto no Primeiro Turno Presidencial

		REGIÃO					Total
		Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sudeste	Sul	
Voto no Primeiro Turno Presidencial	Dilma	46,3%	58,1%	42,0%	46,6%	42,8%	48,8%
	Serra	32,8%	21,0%	33,3%	27,3%	43,8%	29,0%
	Marina	15,7%	17,8%	18,8%	20,5%	10,6%	17,8%
	Outros	5,2%	3,0%	5,8%	5,7%	2,8%	4,5%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Voto no Segundo Turno Presidencial * REGIÃO

		REGIÃO					Total
		Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sudeste	Sul	
2º TURNO	Dilma (PT)	54,1%	69,4%	48,9%	55,5%	46,6%	57,4%
	José Serra (PSDB)	42,9%	27,9%	45,9%	35,6%	47,7%	36,6%
	Anulou o voto	,8%	1,4%	2,2%	4,3%	2,2%	2,8%
	Votou em branco	2,3%	1,0%	3,0%	3,0%	1,8%	2,2%
	NS/Não lembra				,3%	,4%	,2%
	NR		,4%		1,3%	1,4%	,9%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

7 - Escolaridade e Voto 2010

Quanto à escolaridade, também observamos algumas potenciais relações, que indicam um apoio maior a Dilma entre eleitores de mais baixa escolaridade, aumentando posteriormente ao final da distribuição, com uma possível relação não-linear. Isso nos levará a incluir essa variável no modelo de forma nominal, ao invés de ordinal.

Voto Primeiro Turno e Escolaridade

		Voto no Primeiro Turno Presidencial				Total
		Dilma	Serra	Marina	Outros	
ESCOLARIDADE	Analfabeto/Nunca frequentou escola	71,7%	26,4%	1,9%		100,0%
	Primário incompleto (até 3ª série do ens.fund.)	62,4%	29,4%	5,9%	2,3%	100,0%
	Primário completo (4ª série do ens.fund.)	57,4%	27,9%	11,6%	3,1%	100,0%
	Ginásio incompleto (até 7ª série do ens.fund.)	55,1%	29,2%	12,0%	3,7%	100,0%
	Ginásio completo (8ª série do ens.fund.)	41,8%	35,8%	17,2%	5,2%	100,0%
	Colegial incompleto (até 2ª série do ens.médio)	43,4%	36,9%	16,4%	3,3%	100,0%
	Colegial completo (3ª série do ens.médio)	41,6%	25,6%	25,2%	7,6%	100,0%
	Ensino universitário incompleto ou especialização	37,9%	24,2%	34,7%	3,2%	100,0%
	Ensino universitário completo	31,5%	30,4%	32,6%	5,4%	100,0%
	Pós-graduação ou mais	50,0%	18,2%	27,3%	4,5%	100,0%
Total		48,8%	29,0%	17,8%	4,5%	100,0%

Voto Segundo Turno e Escolaridade

ESCOLARIDADE	ESEB27a)PRESIDENTE>EM QUEM VOTOU NO 2º TURNO?						Total
	Dilma	Serra	Nulo	Branco	Não lembra	NR	
Analfabeto/Nunca frequentou escola	74,1%	25,9%					100,0%
Primário incompleto (até 3ª série do ens.fund.)	65,6%	32,1%	,9%	,5%		,9%	100,0%
Primário completo (4ª série do ens.fund.)	63,2%	32,4%	1,9%	1,3%		1,3%	100,0%
Ensino incompleto (até 7ª série do ens.fund.)	58,7%	35,2%	1,4%	4,2%		,5%	100,0%
Ensino completo (8ª série do ens.fund.)	53,0%	43,0%	1,7%	1,7%	,4%		100,0%
Colégio incompleto (até 2ª série do ens.médio)	51,3%	44,5%	1,7%	1,7%		,8%	100,0%
Colégio completo (3ª série do ens.médio)	55,0%	36,1%	4,5%	3,3%	,2%	,9%	100,0%
Ensino universitário incompleto ou especialização	50,4%	39,0%	8,1%	1,6%	,8%		100,0%
Ensino universitário completo	42,3%	46,4%	4,1%	3,1%		4,1%	100,0%
Pós-graduação ou mais	68,2%	27,3%		4,5%			100,0%
Total	57,4%	36,6%	2,8%	2,2%	,2%	,9%	100,0%

8 - Renda

Renda, por sua vez, também apresenta resultado não-linear semelhante, principalmente no caso de Dilma, mas também dos demais candidatos.

Voto Primeiro Turno e Renda Individual

FAIXAS DE RENDA INDIVIDUAL	Voto no Primeiro Turno Presidencial				Total
	Dilma	Serra	Marina	Outros	
Até 1 SM	55,3%	26,9%	14,6%	3,2%	100,0%
Até 2 SM	47,3%	29,5%	19,2%	4,0%	100,0%
De 2 até 5 SM	43,1%	29,9%	20,5%	6,6%	100,0%
De 5 até 10 SM	35,8%	31,3%	26,9%	6,0%	100,0%
De 10 até 15 SM	30,0%	40,0%	20,0%	10,0%	100,0%
De 15 até 20 SM	33,3%	22,2%	44,4%		100,0%
Mais de 20 SM	100,0%				100,0%
Não tem renda individual	47,7%	30,8%	16,1%	5,4%	100,0%
NR (valor bruto e faixa)	44,8%	31,0%	17,2%	6,9%	100,0%
Total	48,8%	29,0%	17,8%	4,5%	100,0%

Voto Segundo Turno e Renda Individual

	PRESIDENTE>EM QUEM VOTOU NO 2º TURNO?						Total
	Dilma	Serra	Nulo	Branco	Não lembra	NR	
Até 1 SM	62,6%	33,8%	1,8%	1,6%		,2%	100,0%
Até 2 SM	56,0%	36,8%	2,9%	2,9%	,2%	1,3%	100,0%
De 2 até 5 SM	51,0%	41,1%	3,8%	2,1%	,3%	1,7%	100,0%
De 5 até 10 SM	44,8%	44,8%	3,0%	3,0%	1,5%	3,0%	100,0%
De 10 até 15 SM	44,4%	44,4%		11,1%			100,0%
De 15 até 20 SM	44,4%	55,6%					100,0%
Mais de 20 SM	100,0%						100,0%
Não tem renda individual	59,6%	34,5%	3,6%	1,8%		,4%	100,0%
NR (valor bruto e faixa)	51,9%	40,7%	3,7%	3,7%			100,0%
Total	57,4%	36,6%	2,8%	2,2%	,2%	,9%	100,0%

9 - Percepção de Corrupção como Principal Problema

Por último, eleitores que vêem a corrupção como principal problema do país, tendem a votar mais nos candidatos de oposição do que em Dilma, mas essa relação é bastante sutil, como foi em eleições anteriores (Renno 2007).

Corrupção como principal problema				
		Corrupção como principal problema		Total
		Não	Sim	
Voto no Primeiro Turno Presidencial	Dilma	50,1%	46,1%	48,8%
	Serra	28,3%	30,3%	29,0%
	Marina	17,4%	18,6%	17,8%
	Outros	4,2%	5,0%	4,5%
Total		100,0%	100,0%	100,0%

Esse efeito, contudo, parece se acentuar ligeiramente no segundo turno.

Corrupção como principal problema				
		Corrupção como principal problema		Total
		Não	Sim	
VOTOU NO 2º TURNO	Dilma (PT)	59,6%	54,8%	58,0%
	José Serra (PSDB)	35,3%	40,3%	37,0%
	Anulou o voto	3,0%	2,4%	2,8%
	Votou em branco	2,1%	2,4%	2,2%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%

10 - Sexo

Quanto a gênero, Dilma não atrai o eleitorado feminino, seguindo um padrão clássico de apoio masculino majoritário a candidatos do PT em eleições presidenciais.

13 – Mobilidade e voto em 2010

Um dos grandes temas em discussão durante a campanha presidencial de 2010 foi, sem sombra de dúvidas, o comportamento da nova classe média brasileira. Ainda que com diferentes formas de definir exatamente quais critérios distinguem este grupo⁵, muitos analistas políticos se pronunciaram de acerca do comportamento esperado desta classe. Em via de regra, os analistas se referem à nova classe média como um grupo de indivíduos que possui uma determinada faixa de renda. A constatação do aumento da classe é realizado comparando-se as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD's) em diferentes anos, procedimento que não permite demonstrar quem são os indivíduos que saíram e entraram em cada classe, posto que o IBGE não entrevista os mesmos indivíduos, tampouco realiza pergunta sobre a renda no passado.

Não obstante os enormes avanços realizados pelas análises sobre emprego e renda com as PNAD's, salvo melhor juízo, poucas pesquisas se debruçaram sobre a mudança de percepção de classe dos indivíduos. Analisar a renda dos indivíduos e sua relação com voto é uma tarefa relativamente simples e que é realizada em toda eleição pelos institutos de pesquisas. Nosso objetivo aqui é dar um passo além e resgatar a percepção de mudança (positiva e negativa) de classe dos indivíduos nos últimos oito anos e comparar os diferentes comportamentos nas eleições. No limite, ainda que a rendas individual e familiar tenham em média aumentado, isto não significa necessariamente que os indivíduos percebam alterações na sua classe. É nesta auto-percepção que centraremos nossas análises.

No presente estudo utilizamos a auto-classificação como forma de alocar os indivíduos. Por meio do cruzamento de duas perguntas realizadas pelo ESEB 2010 pode-se chegar a três grupos, quais sejam, (a) os ascendentes, que se auto-classificaram em 2010 como em classes acima do que oito anos antes; (b) os imóveis, que não perceberam qualquer alteração de classe no período; e (c) os

⁵ Em via de regra, os analistas criam os critérios de classe ou status para avaliar a mobilidade independente da percepção dos indivíduos. Ou seja, o que conta é o critério do observador, não do observado. Para uma discussão dos critérios de classe por estrato profissional, escolaridade e renda ver Pastore e Valle Silva (2000), para grupos de estratos ver Scalon (1999). Uma interessante discussão sobre os diferentes critérios pode ser encontrada em Ribeiro (2000).

descendentes, que se classificaram em pior situação do que há oito anos. Os três grupos podem ser observados na tábua de mobilidade apresentada abaixo. Na diagonal principal se encontram os indivíduos que não perceberam modificações, acima e à direita estão todos aqueles que estão em classes inferiores hoje em comparação com sua condição há oito anos atrás (descendentes), e abaixo e à esquerda os que perceberam mobilidade ascendente.

Tábua de Mobilidade Auto-percebida⁶

		CLASSE SOCIAL HOJE						Total
		Mais alta	Média alta	Média-média	Média baixa	Baixa	Mais baixa	
CLASSE SOCIAL HÁ 8 ANOS ATRÁS	Mais alta	,3%	,1%	,1%	,2%		,2%	,8%
	Média alta	,1%	1,0%	,6%	,5%	,2%	,1%	2,5%
	Média-média	,2%	3,1%	11,1%	1,9%	,4%	,1%	16,8%
	Média baixa	,3%	2,0%	13,9%	13,3%	2,3%	,2%	32,0%
	Baixa	,2%	,7%	3,7%	17,1%	10,9%	,8%	33,4%
	Mais baixa	1,2%	,3%	1,8%	4,1%	6,3%	,9%	14,6%
Total		2,3%	7,1%	31,2%	37,2%	20,1%	2,2%	100,0%

Fonte: Dados calculados pelos autores com base no ESEB 2010.

A maioria dos brasileiros entrevistados perceberam que ascenderam socialmente na comparação dos últimos 8 anos que antecederam as eleições de 2010, cerca de 55% das 1950 pessoas que responderam ambas as perguntas. Por outro lado, apenas 7,5 tiveram mobilidade descendente, e 37,5% percebe-se hoje tal como antes da Era Lula.

Mobilidade Intrageneracional - 8 anos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Descendente	146	7,3	7,5	7,5
	Imobilidade	732	36,6	37,5	45,0
	Ascendente	1072	53,6	55,0	100,0
	Total	1950	97,5	100,0	
Missing	99,00	14	,7		
	System	36	1,8		
	Total	50	2,5		
Total		2000	100,0		

Fonte: Dados calculados pelos autores com base no ESEB 2010.

⁶ Em via de regra, os analistas criam os critérios de classe ou status para avaliar a mobilidade, no presente estudo utilizamos a auto-classificação como forma de

Um olhar mais atento à tábua de mobilidade é capaz de detectar que, em grande medida, os que perceberam a ascensão o fizeram o que se denomina de mobilidade de curta distância, ou seja, o fizeram com origem na classe imediatamente abaixo da que hoje se encontram (principalmente nas classes “média-média” e “média-baixa”). Mais especificamente, da classe “baixa” para a classe “média-baixa” foram 17,1% do total, e da classe “média-baixa” para a “média-média” foram 13,9% de todos os respondentes.

Desta forma, cabe indagar até que ponto os três grupos (mobilidade descendente, imobilidade e mobilidade ascendente) se diferenciam no tange ao comportamento eleitoral nas eleições presidenciais de 2010. É de se esperar que o grupo que percebeu melhora nas condições de vida tenham maior propensão a recompensar o governo votando na sua candidata. Vejamos o que o ocorreu no primeiro e segundo turno: Dilma obteve, pelo ESEB, cerca de 49% do total de votos no primeiro turno, entretanto, entre os que ascenderam a candidata do Governo angariou mais de 57% do votos – uma diferença de aproximadamente 22 pontos percentuais se comparado ao grupo que percebeu mobilidade descendente. O mesmo fenômeno pode ser observado, com diferenças de magnitude e com sinal inverso, para todos os demais candidatos. O principal concorrente do Governo, José Serra (PSDB), obteve menos votos no grupo dos que ascenderam do que nos que descenderam ou permaneceram imóveis – diferença de menos 16 pontos percentuais entre os dois grupos extremos de mobilidade.

Voto no Primeiro Turno Presidencial * Mobilidade Intrageracional - 8 anos

		Mobilidade Intrageracional - 8 anos			Total
		Descendente	Imobilidade	Ascendente	
	Dilma	35,3%	38,1%	57,4%	48,6%
Voto no Primeiro Turno	Serra	38,2%	37,7%	22,1%	29,1%
Presidencial	Marina	22,1%	18,2%	17,0%	17,8%
	Outros	4,4%	6,0%	3,5%	4,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados calculados pelos autores com base no ESEB 2010.

No segundo turno das eleições presidenciais o fenômeno se repete, porém, com mais intensidade. Dilma obteve cerca de 57% do total, mas com variação entre 43% dos que perceberam mobilidade descendente, 47,1% dos imóveis, e 66% entre os ascendentes. Já José Serra variou entre 29,1% dos ascendentes e 50,4% dos descendentes, passando por 45,5% dos imóveis e chegando com 36,8% do total de votos. Em outras palavras, se usarmos o contrafactual da mobilidade ascendente como predominante na percepção dos eleitores brasileiros, ou seja, se os que perceberam mobilidade descendente representasse a grande maioria dos votantes e que este fosse o único fator explicativo do comportamento eleitoral, José Serra estaria eleito Presidente da República.

Voto no 2º Turno e Percepção de Mobilidade Social

	Mobilidade Intrageneracional - 8 anos			Total
	Descendente	Imobilidade	Ascendente	
Dilma (PT)	43,0%	47,1%	66,0%	57,2%
José Serra (PSDB)	50,4%	45,5%	29,1%	36,8%
Anulou o voto	,7%	3,9%	2,1%	2,7%
VOTO no 2º Turno				
Votou em branco	5,9%	2,4%	1,7%	2,3%
NS/Não lembra			,3%	,2%
NR		1,2%	,8%	,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Como se pode verificar na tábua de mobilidade, grande parte dos eleitores que perceberam mobilidade ascendente tiveram origem (auto-percepção de 8 anos atrás) em classes imediatamente anteriores e, sobretudo, nas classes “média-baixa” e “baixa”. Sabe-se também que esses eleitores são os que possuíam menor escolaridade e renda também. Portanto, cabe ainda testar o comportamento da variável “percepção de mobilidade” no modelo multivariado que permita manter constantes outras variáveis que possivelmente estão correlacionadas com este fenômeno. Destarte, o procedimento adotado foi construir duas variáveis *dummies* para os grupos de mobilidade ascendente e descendente, inseri-las como variáveis independentes nos modelos logísticos e compará-las com o grupo de referência que não percebeu qualquer alteração na sua classe social (imobilidade). Isso ajudará a compreender melhor o papel da variável mobilidade diante de outros fatores tais como renda, cor, escolaridade, região, etc.

Abaixo, com base na discussão acima, indicamos o modelo usado para explicar o voto em Dilma, ressaltando questões socioeconômicas, situacionais e políticas.

14 – Modelo para Voto Lula em 2006 (1º Turno)

Os resultados abaixo com os dados colhidos em 2010 pelo ESEB confirmam algumas das expectativas da literatura sobre as eleições de 2006. Eleitores de renda mais alta votam menos em Lula, mas apenas entre 5 e 10 salários mínimos. Então é a dita classe média que não apóia Lula. Ser evangélico, ao contrário do que se pensou durante a campanha, aumentou o apoio a Lula, mas sem significância estatística. Declarar a corrupção como o principal problema do Brasil não teve qualquer efeito. Já ser beneficiário do bolsa família aumenta em 33% as chances de votar em Lula, porém os demais programas como Pro-Uni, Minha Casa Minha Vida e Luz para Todos não representaram ganhos.

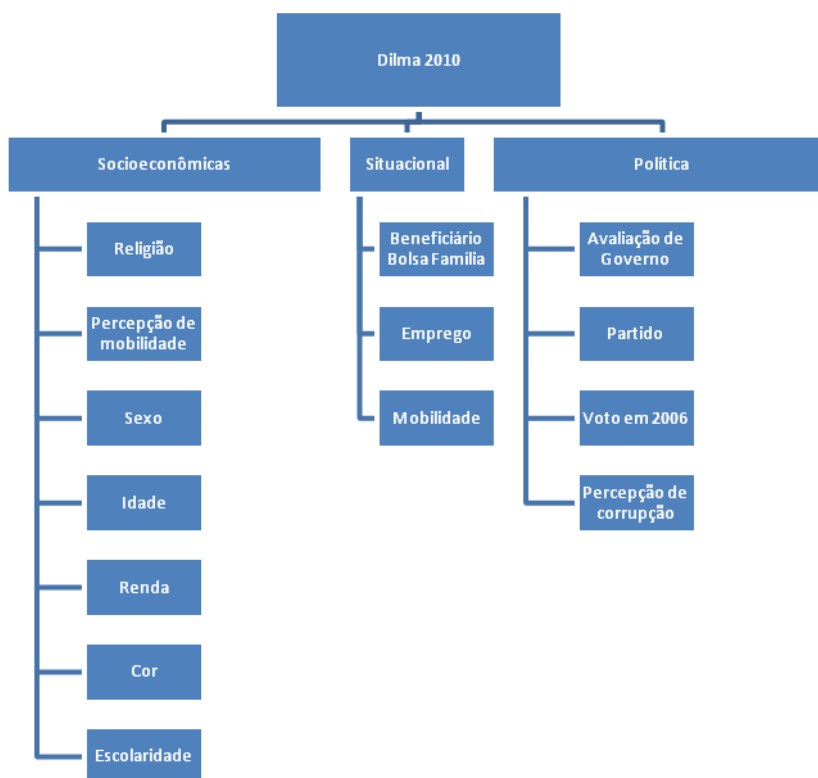
Destaca-se a avaliação positiva do governo que apresenta razão de chance de 6,7 (ou 570% a mais de chance) em relação aos que avaliam negativamente. A variável mobilidade ascendente também foi positiva e estatisticamente significativa, com um efeito de 26% a mais de chance em relação aos que declararam imobilidade. Quanto aos que declararam mobilidade descendente não se diferenciaram estatisticamente daqueles que se perceberam imóveis socialmente.

Fato também curioso é que, mantidas constantes todas as demais variáveis do modelo, a região do entrevistado não altera as razões de chances significativamente. Entretanto, ser branco diminui e 26% as chances de votar em Lula. E ser do PT, como esperado, aumenta em 174% as chances de votar e Lula.

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% C.I. for EXP(B)	
								Lower	Upper
Step 1 ^a	Região_NORTE	,076	,213	,126	1	,722	1,079	,710	1,638
	Região_NORDESTE	,179	,143	1,565	1	,211	1,196	,904	1,583
	Região_CENTRO_OESTE	-,153	,210	,535	1	,464	,858	,569	1,294
	Região_Sul	,058	,158	,135	1	,713	1,060	,777	1,445
	COR_Branco	-,298	,115	6,724	1	,010	,743	,593	,930
	IDADE_0	,020	,004	22,994	1	,000	1,020	1,012	1,028
	Mulher	-,018	,107	,028	1	,867	,982	,796	1,212
	ESCOL_Prim_COMP_Gin_INCOM	-,068	,183	,139	1	,710	,934	,652	1,337
	ESCOL_Ginasio_COMP_Colegi al_INCOM	-,396	,207	3,649	1	,056	,673	,448	1,010
	ESCOL_Colegial_COM_Univ_IN COM	-,215	,204	1,114	1	,291	,807	,541	1,202
	ESCOL_Univ_COM_ou_mais	,189	,282	,450	1	,503	1,208	,695	2,099
	RendFAM_1a2	-,281	,173	2,651	1	,103	,755	,538	1,059
	RendFAM_2a5	-,097	,176	,306	1	,580	,907	,643	1,280
	RendFAM_5a10	-,513	,222	5,355	1	,021	,599	,388	,925
	RendFAM_maior_10	-,170	,296	,331	1	,565	,843	,472	1,506
	Religiao_Evang_Pentecostal	,307	,188	2,674	1	,102	1,360	,941	1,966
	Religiao_Evang_NAO_Pentecost al	,000	,237	,000	1	,999	1,000	,628	1,592
	Religiao_Catolico	,226	,146	2,386	1	,122	1,254	,941	1,671
	Beneficiario_BF	,285	,164	3,029	1	,082	1,329	,965	1,832
	Beneficiario_MV	-,231	,321	,517	1	,472	,794	,423	1,489
	Beneficiario_LpT	-,211	,315	,447	1	,504	,810	,437	1,502
	Beneficiario_ProUNI	,075	,423	,032	1	,859	1,078	,470	2,472
	Partido_PT	1,005	,140	51,703	1	,000	2,733	2,078	3,594
	Partido_PMDB	-,173	,227	,580	1	,446	,841	,539	1,313
	Partido_PSDB	-,1003	,200	25,081	1	,000	,367	,248	,543
	Partido_DEM	-,1542	,692	4,965	1	,026	,214	,055	,831
	Partido_PV	-,011	,272	,002	1	,969	,989	,580	1,686
	Aval_gov_muito_bom	1,905	,255	55,967	1	,000	6,717	4,078	11,063
	Aval_gov_bom	1,283	,236	29,587	1	,000	3,607	2,272	5,726
	Mob_asc	,233	,113	4,276	1	,039	1,262	1,012	1,575
	Mob_desc	-,007	,207	,001	1	,973	,993	,662	1,490
	Corrupcao	,001	,112	,000	1	,996	1,001	,803	1,247
	Constant	-1,355	,383	12,502	1	,000	,258		

15 – Modelos Dilma 1 Turno



16 – Modelos Logísticos Dilma 2010 1º Turno

Abaixo encontram-se cinco modelos logísticos para voto em Dilma no primeiro turno em 2010. No modelo mais saturado (modelo 1) as regiões, idade, sexo, ser católico, beneficiário dos programas sociais, ser do PMDB ou do DEM, e declarar a corrupção como principal problema não tiveram qualquer significância estatística. Essas variáveis foram sendo retiradas dos modelos subsequentes até que se chegasse a um modelo mais enxuto (modelo 5) com as principais variáveis, quais sejam: mobilidade social (aumento de 76% de chance de votar em Dilma); ter votado em Lula em 2006 (aumento de 184% de chances); ser do PT (4,6 vezes mais chances, ou 360% de chances); avaliar como bom ou muito bom o governo Lula (respectivamente, 559% e 1756% de aumento de chances). Por outro lado, ser evangélico maior escolaridade e maior renda são variáveis que diminuem as chances de votar em Dilma.

Modelos Logísticos Binários (Dilma 2010 = 1)

Variáveis		Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3		Modelo 4		Modelo 5	
		Sig.	Exp(B)	Sig.	Exp(B)	Sig.	Exp(B)	Sig.	Exp(B)	Sig.	Exp(B)
Regi	Regiao_NORTE	.713	.915								
	Regiao_NORDESTE	.327	.857								
	Regiao_CENTRO_OESTE	.184	.736								
	Regiao_Sul	.424	1.157								
	COR_Branco	.115	.814	.247	.868	.150	.843	.148	.842	.265	.873
	IDADE_0	.522	.997								
	Mulher	.298	.882								
	ESCOL_Prim_COMP_Gin_INCOM	.265	.804								
	ESCOL_Ginasio_COMP_Colegial_INCOM	.009	.549	.012	.665	.001	.580	.001	.579	.010	.659
	ESCOL_Colegial_COM_Univ_INCOM	.002	.504	.001	.609	.000	.553	.000	.552	.000	.600
	ESCOL_Univ_COM_ou_mais	.000	.312	.000	.368	.000	.389	.000	.389	.000	.365
	RendFAM_1a2	.013	.625	.016	.639	.003	.584	.002	.583	.010	.625
	RendFAM_2a5	.009	.600	.011	.619	.003	.586	.002	.585	.008	.610
	RendFAM_5a10	.125	.679	.185	.725	.046	.627	.040	.625	.173	.720
	RendFAM_maior_10	.072	.549	.085	.572	.065	.559	.061	.557	.074	.562
	Desempregado_6MESES	.151	.618	.151	.620	.060	.541	.060	.541	.149	.618
	Religiao_Evang_Pentecostal	.009	.564	.006	.554	.001	.565	.001	.565	.001	.556
	Religiao_Evang_NAO_Pentecostal	.002	.422	.002	.422	.000	.413	.000	.413	.000	.417
	Religiao_Catolico	.977	1.005	.944	1.012						
	Beneficiario_BF	.835	1.037	.945	1.012	.964	1.007			.901	.979
	Beneficiario_MV	.163	.607	.169	.612						
	Beneficiario_LpT	.775	1.105	.675	1.157						
	Beneficiario_ProUNI	.126	.484	.124	.486						
	Partido_PT	.000	4.638	.000	4.731	.000	5.392	.000	5.392	.000	4.596
	Partido_PMDB	.759	.925								
	Partido_PSDB	.000	.232	.000	.232	.000	.194	.000	.194	.000	.230
	Partido_DEM	.398	.500								
	Partido_PV	.002	.308	.003	.323	.002	.321	.002	.321	.001	.297
	Votou_LULA_2006_1	.000	2.817	.000	2.826					.000	2.841
	Aval_gov_muito_bom	.000	12.755	.000	12.660	.000	18.543	.000	18.556	.000	12.419
	Aval_gov_bom	.000	4.847	.000	4.950	.000	6.585	.000	6.588	.000	4.881
	Mob_asc	.000	1.783	.000	1.766	.000	1.758	.000	1.758	.000	1.749
	Mob_desc	.889	.966	.922	.976	.933	.980	.933	.980	.967	.990
	Corrupcao	.741	.959	.857	.978	.893	.984	.892	.984		
	Constant	.001	.163	.000	.104	.000	.170	.000	.171	.000	.107

18 - Multinomial 1 Turno (Dilma referência)

Trabalhando agora com um modelo multinomial de estimação, mais apropriado para eleições com múltiplos candidatos, percebemos que voto em Lula em 2006, avaliação do governo e percepções de mobilidade ascendente são os principais fatores ligados ao voto em Dilma, em contraste com Serra. Na comparação com Marina, religião passa a ser um fator relevante, aumentando o

apoio à essa candidata, conforme expectativas de algumas interpretações do processo eleitoral.

		Parameter Estimates					95% Confidence Interval for Exp(B)		
Voto no Primeiro Turno Presidencial ^a		B	Std. Error	Wald	df	Sig.	Exp(B)	Lower Bound	Upper Bound
Serra	Intercept	2,079	,476	19,104	1	,000			
	Mulher	,084	,140	,357	1	,550	1,087	,826	1,430
	Votou_LULA_2006_1	-1,231	,147	69,850	1	,000	,292	,219	,390
	COR_Branco	,338	,143	5,615	1	,018	1,402	1,060	1,854
	ESCOL_Ginasio_COMP_Colegial_INC OM	,357	,184	3,787	1	,052	1,430	,997	2,049
	ESCOL_Colegial_COM_Univ_INCOM	-,028	,176	,025	1	,875	,973	,689	1,374
	ESCOL__Univ_COM_ou_mais	,451	,338	1,782	1	,182	1,570	,810	3,043
	RendFAM_1a2	,443	,211	4,412	1	,036	1,557	1,030	2,353
	RendFAM_2a5	,272	,216	1,591	1	,207	1,313	,860	2,003
	RendFAM_5a10	,056	,285	,039	1	,844	1,058	,605	1,848
	RendFAM_maior_10	,076	,395	,037	1	,847	1,079	,498	2,340
	Desempregado_6MESES	,500	,372	1,810	1	,179	1,649	,796	3,416
	Religiao_Evang_Pentecostal	,133	,207	,411	1	,521	1,142	,761	1,715
	Religiao_Evang_NAO_Pentecostal	,823	,278	8,745	1	,003	2,278	1,320	3,932
	Partido_PT	-1,902	,209	83,172	1	,000	,149	,099	,225
	Partido_PSDB	1,909	,316	36,540	1	,000	6,743	3,632	12,521
	Aval_gov_muito_bom	-2,685	,442	36,899	1	,000	,068	,029	,162
	Aval_gov_bom	-1,565	,422	13,747	1	,000	,209	,091	,478
	Beneficiario_BF	,122	,194	,397	1	,529	1,130	,773	1,652
	Mob_asc	-,697	,147	22,509	1	,000	,498	,374	,664
	Mob_desc	-,016	,272	,003	1	,954	,985	,578	1,677
	Corrupcao	,006	,147	,002	1	,967	1,006	,754	1,342
Marina	Intercept	-,029	,529	,003	1	,957			
	Mulher	,170	,150	1,295	1	,255	1,186	,884	1,590
	Votou_LULA_2006_1	-,640	,164	15,261	1	,000	,527	,383	,727
	COR_Branco	-,152	,154	,970	1	,325	,859	,635	1,163
	ESCOL_Ginasio_COMP_Colegial_INC OM	,627	,219	8,216	1	,004	1,872	1,219	2,873
	ESCOL_Colegial_COM_Univ_INCOM	1,136	,186	37,377	1	,000	3,113	2,163	4,480
	ESCOL__Univ_COM_ou_mais	1,568	,314	25,009	1	,000	4,798	2,595	8,871
	RendFAM_1a2	,571	,267	4,568	1	,033	1,770	1,048	2,987
	RendFAM_2a5	,869	,261	11,120	1	,001	2,384	1,431	3,973
	RendFAM_5a10	,862	,314	7,558	1	,006	2,368	1,281	4,378
	RendFAM_maior_10	1,153	,386	8,922	1	,003	3,166	1,486	6,746
	Desempregado_6MESES	,595	,410	2,111	1	,146	1,813	,812	4,047
	Religiao_Evang_Pentecostal	1,107	,191	33,473	1	,000	3,024	2,079	4,400
	Religiao_Evang_NAO_Pentecostal	,938	,288	10,629	1	,001	2,555	1,454	4,492
	Partido_PT	-1,273	,184	48,068	1	,000	,280	,195	,401
	Partido_PSDB	,464	,385	1,454	1	,228	1,591	,748	3,386
	Aval_gov_muito_bom	-2,169	,465	21,777	1	,000	,114	,046	,284
	Aval_gov_bom	-1,414	,448	9,971	1	,002	,243	,101	,585
	Beneficiario_BF	-,090	,234	,149	1	,699	,913	,577	1,446
	Mob_asc	-,315	,160	3,894	1	,048	,730	,534	,998
	Mob_desc	,244	,295	,685	1	,408	1,277	,716	2,276
	Corrupcao	,007	,156	,002	1	,966	1,007	,741	1,368
Outros	Intercept	-,534	,745	,514	1	,473			
	Mulher	,042	,255	,027	1	,870	1,043	,633	1,718
	Votou_LULA_2006_1	-1,183	,265	19,939	1	,000	,306	,182	,515
	COR_Branco	,260	,260	1,003	1	,317	1,297	,780	2,156
	ESCOL_Ginasio_COMP_Colegial_INC OM	,530	,367	2,088	1	,149	1,699	,828	3,486
	ESCOL_Colegial_COM_Univ_INCOM	,906	,313	8,385	1	,004	2,474	1,340	4,568
	ESCOL__Univ_COM_ou_mais	1,064	,547	3,792	1	,052	2,898	,993	8,460
	RendFAM_1a2	,970	,524	3,423	1	,064	2,637	,944	7,364
	RendFAM_2a5	1,129	,514	4,817	1	,028	3,092	1,128	8,474
	RendFAM_5a10	,414	,626	,437	1	,509	1,512	,443	5,157

RendFAM_maior_10	,979	,720	1,849	1	,174	2,661	,649	10,904
Desempregado_6MESES	-,609	1,055	,333	1	,564	,544	,069	4,303
Religiao_Evang_Pentecostal	,520	,345	2,268	1	,132	1,681	,855	3,306
Religiao_Evang_NAO_Pentecostal	,824	,463	3,170	1	,075	2,279	,920	5,644
Partido_PT	-1,669	,396	17,733	1	,000	,188	,087	,410
Partido_PSDB	-,429	,780	,302	1	,583	,651	,141	3,003
Aval_gov_muito_bom	-2,500	,580	18,568	1	,000	,082	,026	,256
Aval_gov_bom	-1,845	,526	12,314	1	,000	,158	,056	,443
Beneficiario_BF	-,035	,417	,007	1	,933	,966	,426	2,189
Mob_asc	-,641	,265	5,873	1	,015	,527	,314	,885
Mob_desc	-,429	,532	,648	1	,421	,651	,230	1,849
Corrupcao	,254	,259	,962	1	,327	1,289	,776	2,143

a. The reference category is: Dilma.

19 – Considerações finais

Os achados acima são ainda preliminares, mas apontam para algumas variáveis que parecem ser importantes para entendermos o pleito de 2010 e, mais importante, para a formulação de uma teoria do voto em sistemas multipartidários. Encontramos aqui ressonância com estudos anteriores que apontam para o efeito de avaliações positivas do governo como centrais para explicar o sucesso dos candidatos do governo. Porém, os programas sociais parecem ter seus efeitos mitigados nas eleições em 2010. Inovamos ao inserir nesse debate uma variável que mede percepções de mobilidade social, encontrando que eleitores com uma percepção de mobilidade ascendente são mais propícios a votar no governo. Muito provavelmente esta variável seja a responsável, juntamente com a avaliação positiva do governo e o fato de ter votado em Lula em 2006, pela mitigação da variável ser beneficiário dos programas sociais. Avaliar até que ponto elas estão covariadas será o próximo passo deste paper que se encontra em processo de construção.

Bibliografia

PASTORE, J. e VALLE SILVA, N. Mobilidade Social no Brasil. São Paulo, Makron, 2000.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Dois estudos de mobilidade social no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.15, n. 44, pp: 178-183, 2000.

SCALON, M. C. Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências. Rio de Janeiro: IUPERJ-Revan, 1999.

CARRARO, André, ARAÚJO, Ari Francisco Jr, DAMÉ, Otávio Menezes, MONASTERIO, Leonardo Monteiro & SHIKIDA, Cláudio Djissey. “„É a economia, companheiro!”: uma análise empírica da reeleição de Lula com base em dados municipais.” Ibemec MG Working Paper - WP41, 2007.

CARREIRÃO, Yan de Souza . “Relevant Factors for the Voting Decision in the 2002 Presidential Election: An Analysis of the ESEB (Brazilian Electoral Study) Data.” *Brazilian Political Science Review*, vol. 1 (1), 2007.

COIMBRA, Marcos. “Quatro Razões para a Vitória de Lula”, In João Paulo dos Reis Velloso (coord.). *Quem Elegeu Lula?*. Cadernos do Fórum Nacional, nº6, fev.2007.

ESTRELLA, Juliana, RIBEIRO, Leandro, "The Bolsa Família Cash Transfer Program and Healthcare Conditionality: How is it Working at the Municipal Level?", Congress of the Latin American Studies Association, Montréal, Canada September 58, 2007.

HUNTER, Wendy & TIMOTHY Power. “Rewarding Lula: Executive Power, Social Policy and the Brazilian Elections of 2006.” *Latin American Politics and Society* 49(1):1–30, 2007.

KING, Gary. *A solution to the ecological inference problem: reconstructing individual behavior from aggregate data*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

Ministério do Desenvolvimento Social de Combate à Fome, “Perfil das famílias beneficiárias do programa Bolsa Família”, Brasília, mimeo, março de 2007.

NICOLAU, Jairo, “An Analysis of the 2002 Presidential Elections Using Logistic Regression.” *Brazilian Political Science Review*, vol. 1 (1), 2007.

_____, “Os Efeitos da Urna Eletrônica Sobre os Votos Nulos e em Branco no Brasil”, mimeo, 2007.

NICOLAU, Jairo & PEIXOTO, Vitor. “As Bases Municipais da Votação de Lula em 2006”, In João Paulo dos Reis Velloso (coord.). *Quem Elegeu Lula?*, Cadernos do Fórum Nacional, nº6, fev.2007.

_____. “Uma Disputa em Três Tempos: Uma Análise das Bases Municipais das Eleições Presidenciais de 2006”. XXXI Encontro Anual da ANPOCS realizado em Caxambu, Minas Gerais, outubro de 2007.

SOARES, Sergei, OSÓRIO, Rafael Guerreiro, SOARES, Fábio Veras, MEDEIROS, Marcelo Medeiros, ZEPEDA, Eduardo, “Programas de transferência condicionada de renda no Brasil, Chile e México: impactos sobre a desigualdade”. IPEA, Texto para discussão, nº 1293; Brasília, julho de 2007

ZUCCO, Cesar. “The President’s „New” Constituency: Lula and the Pragmatic Vote in Brazil’s 2006 Presidential Election.” *Journal of Latin American Studies* 40(1):29–49, 2008.

_____. “A governabilidade num segundo governo Lula”. 1º Encontro da Associação de Ciência Política do Uruguay (AUCIP), Montevideo, Novembro de 2006.

